

JORGE FERNANDES E O FASCÍNIO PELA INVENÇÃO DA MODERNIDADE

Lígia Mychelle de Melo Silva
Rochele Kalini de Melo Ribeiro
Departamento de Letras – UFRN

Resumo: O início do século XX traz inúmeras mudanças pelas quais passa a sociedade. Nas décadas de 1920 e 1930 no Rio Grande do Norte, assim como em todo o país, inicia-se o processo de urbanização e avanço tecnológico que traria mudanças e transformações na sociedade potiguar provinciana. Esses elementos da modernidade foram captados pelo poeta potiguar Jorge Fernandes (1887-1953) o mais autêntico inovador da poesia norte-rio-grandense. Foi o poeta que sentiu e soube interpretar o cheiro de terra, através de um experimentalismo formal pouco usado pelos poetas modernistas brasileiros. O elemento moderno em sua obra estava adaptado ao elemento regional.

Palavras-chave: Tradição; Modernidade; Invenção; Autenticidade.

1. INTRODUÇÃO

O poeta Jorge Fernandes, nasceu em Natal, em 22 de agosto de 1887, filho do professor Manoel Fernandes de Oliveira e de Francisca Fagundes Fernandes. Sua família apesar de tradicional, não era rica, o que o obrigou a interromper os estudos e trabalhar para garantir sua sobrevivência.

Colaborou em vários jornais e revistas da cidade. Apaixonado pelo teatro, escreve diversas peças que foram encenadas com sucesso, como: *Anticristo*, *céu aberto, já teve, o brabo*,... Hoje, infelizmente, essas peças estão desaparecidas. Antes de publicar o seu livro de poesias, nosso mais autêntico poeta produziu também alguns contos humorísticos num volume que se chamou *Contos e Troças – Loucuras* (juntamente com Ivo Filho).

Em 1927, publica o *Livro de poemas* na mesma época em que Fernando Pessoa, em Portugal, ganhava notoriedade como a maior expressão da poesia moderna da língua portuguesa, exercendo uma poesia de vanguarda. Nos grandes centros do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife as idéias do movimento modernista já haviam sido fomentadas. As províncias, como o Rio Grande do Norte, conheceram o Modernismo através da agitação cultural do Recife.

O Rio Grande do Norte, assim como no restante do Brasil, assiste, nas décadas de 20 e de 30, a inúmeras transformações: tais como o processo de urbanização; a chegada da luz elétrica; a aventura dos aviadores que, ainda em precários transportes aéreos, cruzavam os céus e chegavam a nossa capital provinciana; a chegada de eletrodomésticos. A capital potiguar, na década de 20,

ainda se encontrava numa espécie de transição da vida provinciana para a moderna: a vida cotidiana, caracterizada ainda por muitos elementos regionais, tradicionais, começava a ter que se habituar aos elementos modernos que se faziam cada vez mais presentes no dia-dia dos potiguares.

Nesse período, dois governadores do estado, José Augusto e Juvenal Lamartine construíram um programa “moderno” que dava prioridade ao incentivo à industrialização, o combate ao cangaceirismo e o voto feminino. Era a modernidade que atingia o estado. No entanto, por outro lado, permanecia outra realidade: o atraso social e cultural continuava a existir. De acordo com Hermenegildo:

As mudanças ocorridas no RN nos anos 20 expressaram-se nas áreas da política, da economia e das relações sociais. Mas, no que diz respeito à cultura e à literatura não aconteciam grandes mudanças.
(HERMENEGILDO, 1995:31)

Dessa forma, a situação vivida por nossa província era semelhante ao que ocorria no restante do Brasil e, de uma forma mais ampla, no restante do mundo: conviviam lado a lado a tecnologia e o atraso. A tensão gerada por causa dessas situações díspares é um dos elementos que vão compor a literatura moderna e pode ser observada na poética jorgeana.

Os elementos da modernidade, as conseqüentes transformações de uma sociedade até então provinciana e os contrastes sociais que vieram inevitavelmente com a modernidade são captados pela poética de Jorge Fernandes - que é considerado o precursor da poesia moderna no Rio Grande do Norte, mesmo sem ter tido ligação com nenhuma escola literária. Podemos dizer que a poética de Jorge Fernandes é um espaço de contradições que participa de uma realidade também contraditória:

As contradições existentes na realidade colocavam em evidência duas coisas que se interpenetravam: por um lado, a cultura regional era reforçada pela estrutura do poder local, e por outro lado a cultura da modernidade penetrava de forma intensa na vida urbana que se formava na província.
(HERMENEGILDO, 1995:27)

Os quarenta poemas que constituem o *Livro de poemas* de Jorge, o seu único livro de poesias, podem ser considerados o mais importante documento de nossa literatura moderna, e passa a fazer parte do movimento moderno nacional. Jorge Fernandes incorporava as novidades do modernismo, com a presença de características tais como: a liberdade formal (versos livres; incorporação da fala coloquial; ausência de pontuação); incorporação das conquistas do progresso; diálogo constante com textos do passado (Jorge Fernandes se aproxima da tradição para problematizá-la, com distanciamento crítico); aproximação entre a linguagem da poesia e da prosa e metalinguagem, ou seja, em seus poemas há a preocupação

em refletir sobre o ato da escrita, como podemos observar na série de poemas intitulada “Meu poema parnasiano”.

Um dos pontos que também chamam atenção na obra do poeta é a utilização da iconicidade da poesia visual presente nos seus poemas. O fato é que o elemento moderno presente está adaptado ao elemento regional, segundo Hermenegildo, é difícil estabelecer o que é regional e o que é moderno no poeta potiguar, o modernismo e o regionalismo estão absolutamente misturados. Segundo o pesquisador:

Jorge Fernandes Não fez parte da academia norte rio grandense de Letras, nem de qualquer órgão oficial à cultura do estado. O *Livro de poemas* foi editado na tipografia *A imprensa*, graças ao apoio de câmara cascudo que se encarregou de apresentar a Manuel Bandeira e a Mario de Andrade, entre outros nomes do movimento modernista. Assim é que, apesar repercutir muito na província, naquela época a produção literária modernista de Jorge Fernandes acabou aparecendo em revistas nacionais, como *a Revista de antropofagia, a Terra Roxa & Outras Terras e Verde*.

(HERMENEGILDO, 1995: 52)

Aliás, de acordo com Hermenegildo, essa visualidade, esse experimentalismo formal, inclusive pouco utilizado entre os modernistas brasileiros, se tornaria, décadas mais tarde, valorizada pelos poetas concretos.

A literatura para Antonio Candido (2000:23) é um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase, Jorge Fernandes, a partir de uma perspectiva moderna, trouxe elementos comuns à poética do Movimento moderno como um todo e, por isso, pode se dizer que ele está inserido dentro de um sistema.

O poeta potiguar, se insere não apenas na tradição de sua província, mas, em um contexto nacional. A partir de seu talento individual conseguiu trazer em sua escrita: a temporalidade e intemporalidade conceituada por T.S. Eliot em *A Tradição e o talento individual*¹, como a tensão entre tradição e modernidade apontada por Roberto Schwarz em *A carroça, O bonde e o poeta modernista*².

A partir das análises dos poemas: *A carreira do forde* (Poemas das serras 3), *Meu poema parnasiano n° 1* e *O meu caminho* se observará de que forma a poesia de Jorge Fernandes consegue apreender os elementos regionais e, ao mesmo tempo, apreender também os elementos de uma realidade mais ampla. Temos desse modo, uma realidade universal que se realiza numa realidade particular³.

Na poética de Jorge Fernandes, de uma forma geral, podemos observar que há a representação de realidades distintas, mas que não são excludentes. O urbano convive com o rural, o moderno convive com o tradicional, o velho convive com o

¹ In: *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art. Editora, 1989.

² In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das letras, 1999. p.11-27.

³ CHIAPPINI, Lúcia. Do beco ao belo. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n.15, 1995 p. 153-159.

novo, o progresso convive com o atraso; são coisas distintas que convergem para o mesmo lugar: o lugar da tensão que é palco do homem contemporâneo. Sendo a poesia jorgeana um espaço de contradições, de tensões, logo podemos dizer que ela atinge uma realidade universal, pois, o nosso mundo (contemporâneo) é o das contradições humanas.

2. JORGE FERNANDES: UMA POESIA COM SABOR DE NOVIDADE

De acordo com Tarcísio Gurgel (2001), a poesia produzida por Jorge Fernandes nos anos 20 tem um sabor de novidade. O poeta Mário de Andrade admira-se ao saber que “num pequeno estado do Nordeste, pudesse surgir um poeta tão original” (2001: 65). Primeiramente por se tratar de uma poesia que se caracteriza por desprezar as rimas, por adotar versos livres – Jorge surge em um momento em que predominava ainda a poesia nos moldes do parnasianismo, que cultuava os versos “contadinhos nos dedos” –, e também por adotar uma linguagem simples e abordar fatos corriqueiros:

Considere-se a sua criatividade, elegendo como temas líricos elementos como avião, operário, máquinas, bondes. Ao mesmo tempo observe-se como, tratando de motivos que normalmente induziam ao enlevo, às divagações românticas, como paisagens sertanejas, moças a se banhar no açude, ou paisagem marinha, o faz de maneira moderna, incorporando, quase sempre nos versos que produz, o elemento da onomatopéia, como se quisesse, com esta sonoridade, ir além do uso da fala coloquial preconizado pela cartilha nordestina.

(GURGEL, 2000: p.65)

O *Livro de poemas* de Jorge pode ser dividido basicamente em três temáticas: a temática da reminiscência; a temática da modernidade e a temática regional. O elemento regional, de acordo com Hermenegildo (1995:58) é o ponto que relaciona Jorge com outros poetas, especificamente com aqueles que, no Nordeste, tentaram criar novos procedimentos literários a partir da poetização de elementos regionais.

3.A POESIA MODERNA DE JORGE FERNANDES

Um dos elementos que caracteriza o movimento modernista é o elemento de tensão. Essa tensão perpassa a poética jorgeana: a tradição e a inovação convivendo no mesmo espaço poético, um não exclui o outro. Do mesmo modo que ocorria na realidade provinciana e, mais amplamente, no restante do país. É nesse

aspecto que podemos dizer que Jorge Fernandes nada deixou a desejar em relação a todos os outros poetas e escritores modernistas: na poética jorgeana, os elementos de uma realidade local integram um processo de uma realidade ampla.

Com certeza, não se pode negar a forte presença do regionalismo no *Livro de poemas*. Isso é claro quando vemos a descrição da terra, da vegetação; a poética de Jorge é povoada de elementos regionais (árvores, pássaro, flores). Mas, ao mesmo tempo, temos maquinarias, carros, aviões, que são elementos do progresso que chegavam à província.

O ensaio “A carroça, o bonde e o poeta modernista” de Roberto Schwarz trata bem dessa questão do elemento da tensão na poesia moderna. Embora o cerne da discussão do texto seja a fórmula da poesia “pau-brasil” de Oswald de Andrade, pode-se fazer uma analogia entre os pontos que Schwarz aborda em Oswald e os pontos que estamos discutimos neste artigo em Jorge Fernandes. De acordo com Schwarz na poesia de Oswald, talvez pelo fato de o poeta possuir um “ufanismo crítico”, a dualidade da nossa realidade sociológica, habitualmente associada à desgraça e aos atrasos brasileiros, adquire uma feição otimista, tendo em vista que o poeta conseguia inserir o nosso país dentro das particularidades de uma sociedade contemporânea, por natureza caótica e contraditória.

O Brasil, “descoberto” já em “tempos modernos”, foi formado, foi construído sob o signo das diferenças, das miscigenações, da justaposição de diversas raças, culturas, linguagens. Temos no Brasil, desde sempre, convivendo desarmonicamente, em total desacordo, o novo e o velho, o campo e o urbano, o rico e o pobre, o rudimentar e a tecnologia, o progresso e o atraso. É por isso que o Brasil se encaixa perfeitamente nos moldes da sociedade contemporânea e isso é assimilado na poética de Oswald.

O poema intitulado “pobre alimária” nos mostra essas contradições: nele há elementos pertencentes ao campo semântico do atraso (como cavalo e carroça) e há também elementos que aponta, para o progresso (tais como o bonde, advogado, escritórios). Dessa forma, o progresso, conforme aponta Schwarz, é inegável, “mas a sua limitação, que faz englobá-lo ironicamente com o atraso em relação ao qual ele é progresso, também”.

O mesmo ocorre na poética de Jorge Fernandes: progresso e atraso andam juntos, lado a lado. Observemos o “poema das serras”⁴ transcrito abaixo:

A Carreira do forde

Toca no arranco... nervoso ronca o motor...
Toca a primeira marcha...grita fanhoso e sai...
Olhos de gato brabo na escuridão da noite fonfo-
nando...

Balança todo no catabio...
Clareia o verde que está dormindo e passa...
O bacural com os olhos de tição de fogo pula na
estrada...

Entra no marmeleiro o gado espantado...

⁴ FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas*, 1970.p.36-37.

Outra vertente na obra jorgeana é o da representação da transição entre tradição e modernidade que está presente na série “Meu poema parnasiano”⁵:

“Meu poema parnasiano nº 1”

Que linda manhã parnasiana...
Que vontade de escrever versos metrificados
Contadinhos nos dedos...
Chamar de reserva todas as rimas
Em - or - para rimar com amor...
Todas as rimas em - ade - pra rimar com saudade...
Todas as rimas em - uz - pra rimar com Jesus, cruz, luz...

Enfeitar de flores de afeto um soneto ajustadinho
Todo trancado na sua chave de ouro...
Remexo os velhos livros...

“Ah! que saudades eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida...”

Zim... (ligaram um dínamo de milhares de cavalos
E as polias giram e as máquinas abafam o último verso da
quadrinha...)

E lá me vem à mente o ritmo dos teares...
As grandes rimas dos padrões...
Os fios se cruzam... se unem pras grandes peças de linho...

- Óleos... fios... polcas... alavancas,
Apitos. Ponteadores. Carrités.
Zim traco! traco! traco! Malhos. Alicates. Ar comprimido.

Fuco! fuco! dos foles
Marcação de fardo pra exportação: marca M.B.C. - Fortaleza -
M.F.M. - Mossoró - setas e contra marca -
Trepidação de decoviles.
“Ah! que saudades eu tenho.”

E me abafa o segundo verso de Casemiro
Um caminhão cheio de soldados que segue para o interior
A caçar bandidos.

Que linda manhã parnasiana!
Vou recitar “A vingança da porta”.
Os lindos e sangrentos versos do meu passado:
- “Era um hábito antigo que ele tinha..”
Pregões de gazeteiros: - Raide de San-Roman! Ribeiro de Barros

⁵ Ibidem, p.40-41.

O grande momento da aviação mundial!
- Que poema forte o de San-Roman!
- Que poema batuta o de Ribeiro de Barros!
Todo misturado de nuvens, de óleo, gasolina,
De graxa, de gritos de bravos! de emoções!

Dem! dem! dem!: - o auto-socorro -
- Quem vem ali?
Um operário que quebrou uma perna de uma grande altura.
- Viva o grande operário! - Viva o grande herói do dia!
- Vivôôôôô!...

No poema, a personagem é um poeta parnasiano, que deseja continuar fazendo sonetos, mas não consegue. E não consegue porque o ritmo moderno da cidade, caótico e barulhento, já atrapalha e contradiz com o equilíbrio: se a própria realidade vive em constante desarmonia, não é possível mais produzir um poema costurado pela harmonia. Ao contrário, o moderno texto poético é costurado pelo elemento de tensão. O resultado disso, segundo Hermenegildo, é um poema metalingüístico. Essa série, não traz apenas essa transição, mas, a historicidade poética feita pelo autor demonstrada na estrofe:

“Ah! que saudades eu tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida...”

O que mais chama atenção nesse poema, é a tensão existente na escrita do autor ao tentar passar seu assombramento diante da modernidade, há uma excessiva utilização de onomatopéias e exclamações:

Dem! dem! dem!: - o auto-socorro -
- Quem vem ali?
Um operário que quebrou uma perna de uma grande altura.
- Viva o grande operário! - Viva o grande herói do dia!
- Vivôôôôô!...

O poeta potiguar traz na sua escrita uma liberdade, principalmente no que diz respeito às rimas, à linguagem e à utilização de versos livres. T.S. Eliot desperta para essa questão, o teórico entende que a rigor não existe verso livre, uma vez que a própria arte não é. Com efeito, em um poema, o verso irá sempre interdepende da estrutura melódica que o antecipa ou sucede, a frase poética é e sempre será, necessariamente, escrava do ritmo. O mesmo acontece com a rima, abandonar a busca da rima, inclusive da que se encontra no interior, não é um salto para a facilidade, mas, ao contrário, impõe uma mais severa tensão sobre a linguagem. Com efeito, uma vez eliminada a rima, o poeta está sujeito aos critérios da prosa, e as limitações de outra espécie.

Outro momento do livro diz respeito à descrição de elementos regionais da cultura local, feita através de uma forma moderna:

“O meu caminho”⁶

O meu caminho sempre calmo...
Era tão bom o meu caminho!
Árvores de um lado,árvores do outro
Não tinha eucaliptos – arranha-céu –
Eram todas árvores tão nossas!
Goiti, João-Gala-Mastro –
Pau-Darco, Pinhão...

Dos tabuleiros eu via os morros
Do litoral...
Os Juazeiros e o Panasco
Lá do sertão...

Mas meu caminho (é sempre um caminho!)
Havia o mijo ardoso dos formigões...
As cores tristes das jurubebas
E alguns espinhos de macambiras...
Mas o consolo vinha por certo!
Farto descanso amamaizado
Das sombras boas das oiticicas...
E o meu caminho de simples que era
Ficou todo cheiro de arranha-céu
De árvores tão altas – os eucaliptos –
Plantados todos de braça em braça
E a minha estrada virou rodagem
Por onde passam em disparada
Ricos automóveis e caminhões...
E das rodas doidas eu fujo arisco
Entre as poeiras dos carreirões...
Ah! Meu caminho tão simples, calmo,
Qual é o atalho pra te encontrar?...

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância que Jorge Fernandes exerceu – mesmo sem ter tido muita repercussão no nosso estado – não somente na literatura do RN, mas para o próprio movimento modernista é inegável. Através de coisas aparentemente banais o poeta potiguar medita sobre a sociedade moderna, marcada pelas contradições, ou seja, a poética de Jorge abraça um mundo em constante mutação, apreende uma realidade

⁶ Ibidem, p.112-113.

em si mesma contraditória. É nesse sentido que, sem estar inserido em nenhum movimento (provando que a poesia moderna extrapola os limites das escolas literárias), Jorge é um poeta moderno: ele é aquele que está nas multidões, observando os fatos.

A novidade encontrada de maneira negligente provoca naturalmente ataque por partes dos outros pares do poeta, assim como aconteceu com Jorge. Tais ataques, por seu turno, demandam teorias como respostas, e assim sucessivamente.

Em uma sociedade ideal pode-se imaginar o novo brotando naturalmente do velho, sem a necessidade de polêmica. Esta seria uma sociedade com uma tradição viva. A tradição literária é um repositório vivo de formas, conceitos e práticas ligadas ao fazer literário. Entende-se também que mudanças profundas e significativas nesse mesmo fazer depende menos da busca inconseqüente pelo novo e mais da capacidade do presente literário de interpretar e de ser interpretado pela tradição, e que esta melhor cumprirá seu papel quanto melhor puder ser irrigada pelo presente.

Em suma, quanto melhor puder oxigenar seu sistema de referências, assim servindo de lastro para a busca de inovação, “o novo brotando do velho”, como pensou Eliot. Entende-se que essa inovação não pode simplesmente descartar a tradição, mesmo que dela não tenha sido originada.

A escrita jorgeana trouxe um amálgama da tradição e modernidade no momento em que, de forma singular, pintou as cores de sua região, fazendo-se a partir de então a maior expressão modernista de sua província, tornando-se um elo entre os escritores de sua geração e o movimento moderno.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Modernismo anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora universitária, 1995.

_____. *O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 9ª Edição. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.

DAUNT, Ricardo. Tradição, originalidade e individualidade artística. In: T. S Eliot e Fernando Pessoa: diálogos de New Haven. São Paulo: Landy Editora, 2004.

ELIOT, T.S. A tradição e o talento individual. In: _____. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

